



<https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2494/html/revista-e/-e/anselmo-borges-somos-tremendamente-frageis>

Há uma imagem no início desta conversa. O Papa Francisco sozinho na Praça de São Pedro, em Roma, no Domingo de Páscoa. “Parecia transportar todo o sofrimento do mundo”, diz o padre, teólogo e pensador português. Com o mundo a desconfinar, Anselmo Borges defende que a Igreja tem de mudar. Ser mais afável e mais próxima das pessoas. Tal como no início do cristianismo

POR ANA SOROMENHO (TEXTO) E RUI DUARTE SILVA (FOTOGRAFIAS)

É

um teólogo que fala da experiência revolucionária

de Jesus Cristo e na sua mensagem de amor, porque todos os homens devem ter direito à dignidade. É um ser inquieto, que não se conforma e que interroga a hierarquia da Igreja e o seu lugar dentro da comunidade. Sempre foi atravessado pela fé. Aos 19 anos decidiu ser padre, partiu para Roma, onde obteve a licenciatura canónica em Teologia, e mais tarde estudou Ciências Sociais em Paris. Doutorou-se em Filosofia, correu mundo e deu aulas. O maior ensinamento que pode dar aos seus alunos, diz, é incentivá-los a pensar. E a serem críticos, pois foi também esta matriz que lhe deu a sua voz singular dentro da Igreja. Lamenta não ter conseguido escrever um romance. “Somos sempre muitos. Só através do romance e da viagem alcançamos a diversidade do ser humano”, dir-me-á informalmente, enquanto atravessamos as salas vazias do Seminário da Boa Nova, em Valadares, onde vive. Entrou para o seminário no início da década de 60. Na altura, chegaram a ser cerca de setenta rapazes. Hoje recebe apenas sete seminaristas. É um espaço entre pinheiros e perto do mar. Anselmo Borges todos os dias dá um passeio de 15 quilómetros junto ao mar, na orla do Atlântico. Diz que esta caminhada é o segredo da sua jovialidade. Fez 75 anos em junho, e as questões que o motivaram na juventude continuam a ser as mesmas. A complexidade do ser humano e o lugar de Deus. Esta conversa é atravessada pela sua franca e luminosa espiritualidade.

Agora que regressámos às ruas, tentando retomar a vida dentro de uma possível normalidade, queria voltar àquela imagem da Praça de São Pedro, no último Domingo de Páscoa, pela primeira vez vazia na história da Humanidade. Que reflexão faz sobre o poder simbólico dessa imagem?

A visão do Papa Francisco a caminhar sozinho nessa tarde na Praça de São Pedro completamente deserta será certamente uma das imagens mais fortes que ficará desta calamidade pandémica. Parecia transportar todo o sofrimento do mundo. E quando chegou lá acima e rezou pela Humanidade, deve ter sentido, como qualquer um de nós, porque é um homem muito sensível, o silêncio do próprio Deus.

O que se poderá ler nesse silêncio? Abandono ou, pelo contrário, a necessidade de um ressurgimento cristão que levará católicos não praticantes a aproximarem-se da Igreja?

É possível que a socialização possa ser menos intensa depois desta contenção em que os lugares de culto estiveram fechados e os espaços continuam a ser muito limitados. Uma coisa que podemos pensar é nas crianças. No universo de um católico, do ponto de vista da prática religiosa, a socialização das crianças faz parte do crescimento. Isso vai passar a acontecer menos. Por outro lado, a partilha da comunidade é absolutamente estruturante. As pessoas sentiram que a Igreja lhes fez falta, e algumas poderão aproximar-se. Mas a Igreja terá de ser diferente. A minha pergunta é: o que vai acontecer à Igreja e qual a estratégia que se deve seguir para que não haja esse afastamento?

O que seria uma Igreja diferente?

Mais interiorizada e, simultaneamente, mais próxima das pessoas e das suas dificuldades. Hoje, a Igreja é a única instituição verdadeiramente global. É a comunidade de todas as comunidades cristãs. Mas quando falamos de Igreja no linguajar comum pensamos no Papa e nos cardeais, pensamos na hierarquia e na supraestrutura. É neste sentido que digo que a Igreja tem de

caminhar para comunidades vivas e com magistérios diferentes, que possam dar origem aos seus próprios padres.

Como?

Leigos que possam coordenar e dar dinâmica dentro de uma comunidade e possam até celebrar a eucaristia. Pode ser um homem ou uma mulher. Podem ser casados ou não. Há uma paróquia na diocese do Porto, onde vou fazer umas palestras, que tem um paroquiano, professor, casado, pai de filhos, que trabalha imenso na paróquia. Estou convicto de que se o bispo lá chegasse, reunisse aquela comunidade e lhes perguntasse se queriam que aquele senhor ficasse como responsável, a maioria dos paroquianos estaria de acordo.

Uma Igreja menos ritualista e formal e mais afável?

Mais afável e mais próxima das pessoas. O grande problema é que, quando falamos de Igreja, já não falamos das comunidades de cristãos que verdadeiramente acreditam no amor e na justiça e que a praticam. Mas no início do cristianismo a dinâmica da Igreja foi essa. Para os primeiros discípulos de Jesus, a dignidade de todos os homens era inviolável. Seguiam o seu exemplo com grande alegria, porque a comunidade era o núcleo, e à medida que as pessoas se iam convertendo o Império Romano ia lentamente acabando. Quando um senhor se convertia a cristão pela primeira vez, tinha de se sentar ao lado do seu escravo na celebração da eucaristia. A eucaristia era uma celebração feita nas casas dos cristãos. Isto para dizer, por exemplo, que não percebo porque é que durante a pandemia as pessoas não puderam celebrar a eucaristia em casa.

Disse que aproveitou o tempo de confinamento para pensar. Que lição é que tirou?

Abalou-nos profundamente. Somos tremendamente frágeis. A Humanidade pensava-se onipotente e neste momento temos problemas graves para resolver. Não podemos ficar à espera de retomar a normalidade como se o que aconteceu, e está a acontecer, tivesse sido um parêntese. É errado. Vamos mesmo ter de mudar o

paradigma, a não ser que queiramos viver na distopia. Não me lembro de em toda a minha vida ter assistido a nada parecido com isto. Conto-lhe uma experiência pessoal. Fiz o funeral de um irmão meu, mais velho, que também vivia aqui no seminário. Tinha um cancro. Naqueles dias andei com ele nos hospitais, e ainda foi operado. A última vez que o levei ao hospital, a médica perguntou-me se eu sabia a situação em que se encontrava. Eu sabia que ele estava quase no fim e pedi que não o deixassem sofrer, prolongando indevidamente a vida através de processos extraordinários. Nessa noite, ele morreu. Foi no dia 5 de abril, véspera de Sexta-Feira Santa. Somos de Resende, e fui fazer o funeral lá na terra. As pessoas não puderam ir ao cemitério, mas juntaram-se na estrada em fila com o devido distanciamento a deitar flores. Neste caso, ainda houve uma despedida. Posso compreender o horrível que foi para muita gente não haver uma despedida. Foi, talvez, dos maiores sofrimentos no meio desta pandemia.



Que significado tem para um cristão não haver a possibilidade de despedida?

Não é só para um cristão, é para todo o ser humano.

Estava a pensar naqueles que não puderam receber a extrema-unção.

Adverti que deveria haver essa presença e não sei até que ponto foi possível. Mas sei que alguns capelães estiveram nos hospitais.

O abandono que muitos cristãos poderão ter sentido não levará a um afastamento da Igreja?

Julgo que muitas pessoas fizeram essa pergunta. “Onde está Deus?” É o velho problema da Teodiceia sobre a justiça divina. “Então Deus é infinitamente bom e poderoso e deixa-nos abandonados?” Mas Jesus revela-se a fazer a pergunta, que é também um grito e uma oração que atravessa os séculos: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” Mas continuou a confiar. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.” Deus mora na pergunta. A fé não é uma herança pessoal, é um combate. E é um combate exigente em muitas frentes. Houve épocas em que Deus parecia evidente socialmente. Mas hoje já não é assim. Há um confronto e uma multiplicidade de posições. Ao deixar de haver uma uniformidade religiosa, a fé tornou-se mais pensada e mais refletida. Hoje, a fé é mais adulta.

São Tomas de Aquino perguntou: “Quem é Deus?” O que me responde o padre Anselmo?

É esse mistério último, que eu não domino, mas do qual espero salvação. A fé não deriva de um raciocínio à maneira da matemática ou das ciências experimentais. A vida é ambivalente. Existe o bem, o mal, o justo, o injusto. Existe a beleza e o horror. E em toda esta ambivalência, para aquele que ousa entregar-se a esse mistério último, a vida torna-se mais razoável. É no próprio ato de confiar que se manifesta esta luz. Isto é religiosidade. As religiões são apenas tentativas de figurar esse mistério último, e quem não entende isto não entende nada. A minha figuração é cristã, é feita através de Jesus. Estudei o cristianismo, e Filosofia, Teologia,

Sociologia, e continuo a dizer que para mim é uma figuração que me aparece historicamente e à qual adiro com convicção. Se não tivesse nascido neste enquadramento cristão, sabendo o que sei, queria ser cristão.

Porquê?

Porque é a melhor figuração desse mistério último, que é indizível, e diz-se em Jesus. Revela-se e manifesta-se na humanidade de Jesus, nas suas palavras e no seu exemplo. Deu a vida por esse mistério último a quem chamava Pai. A cruz era o castigo dado pelos romanos aos escravos. Jesus morre como um escravo, mas esta dinâmica não acaba na derrota na cruz. Jesus está vivo nos discípulos. Toda a prática dele foi revolucionária, porque é contra a prática da religião do templo e dos sacerdotes. Ainda me arrepio quando digo isto. Obriga-me a pensar se a Igreja de hoje, com toda a sua hierarquia, não está a condenar Jesus. A mensagem de Jesus é absolutamente revolucionária, até no modo como chamava Deus: “Abba.” Que era o mesmo modo com que as crianças se dirigiam aos pais com ternura. E até o modo como enfrentou a sua morte como um testemunho. Podia ter feito ali um arranjo, ceder aqui e ceder além, mas não o fez. Foi até ao fim. E Deus não o abandonou à morte. Ele é o vivente.

Estudou Filosofia e Teologia, mas também Sociologia. A narrativa religiosa, ou a invenção de Deus, não poderá ser a maior criação da Humanidade?

Desde sempre houve uma dinâmica de procura de religiosidade, porque todo o ser humano pergunta qual é o sentido último da nossa vida. Sou professor de Filosofia e claro que também fui confrontado com as grandes críticas sobre a alienação. Feuerbach, o teólogo e filósofo alemão do século XIX, dizia que tudo não passa de uma projeção do desejo humano. Também Freud nos chamou a atenção sobre esse tema. Sempre estive atento e sou crítico. Perante essa questão também me interrogo e vejo que existe sempre uma dimensão de projeção. Mas isso também é verdade no amor. Um ser, quando ama outro, projeta nele muitos deslumbres e muitas motivações. No caso da fé cristã há uma realidade

histórica que se chama Jesus, e o crente nesse mistério último tem razões para acreditar. Ousando confiar, dando esse passo de fé, tudo se torna mais razoável e mais iluminado.

Toda a construção da linguagem religiosa é puramente simbólica, metafórica, carece sempre de interpretação.

Toda a linguagem humana é simbólica, mas a palavra “símbolo” não implica uma mera projeção. Símbolo vem do grego *symbolon* e significa fazer coincidir. Se eu vir uma aliança no dedo de uma pessoa, tem de haver outra aliança no dedo de uma outra pessoa, que eu não vejo mas que sei que também anda aí. Há sempre uma coexistência. A liturgia tem de ser simbólica. A eucaristia, ela própria, é simbólica. Na minha família, quando eu e os meus irmãos nos juntamos naquela refeição, evidentemente que estamos a ser projetados para mais longe, ao falarmos das nossas memórias, dos nossos pais. Quando o fazemos, de alguma maneira, eles tornam-se ali presentes. O ser humano, pela sua própria natureza, é um ser simbólico, porque vai além do visível. Essa é uma das grandes complexidades da vida, e as religiões são tentativas de responder a esse mistério. E aqui começa o problema, porque os fundamentalismos, os dogmas e os disparates têm apenas a ver com a construção humana.

Nos tempos que vivemos podemos assistir a um radicalismo cristão?

Eles estão aí. Há muitas seitas cristãs, basta pensarmos nos Estados Unidos. Mas a Igreja, pela sua própria natureza, tem de se unir no essencial. E o essencial é pouco e tem de ser plural. Tem de adaptar-se às várias culturas, promover o dialogo inter-religioso e cultivar a prática da justiça e de uma espiritualidade num sentido mais intimista. É isto que o Papa Francisco quer.

Precisamente pelas suas posições, ele não tem feito ressurgir um discurso mais ortodoxo dentro da Igreja?

A oposição é bem forte e bem evidente, ele sabe bem os perigos que o rodeiam. Todos sabemos que há muitos que já estão a pensar no próximo conclave, esperando que o próximo Papa seja um

conservador. Mas julgo que a grande maioria está com o Papa Francisco, porque a sua grande vantagem é ser cristão. Daí o seu permanente combate contra o carreirismo e o clericalismo e toda a corte que é a Curia Romana. Ainda há pouco tempo fez um discurso dizendo que é mais difícil reformar a Curia do que limpar a esfinge do Egito com uma escova de dentes. Em relação aos escândalos de pedofilia, por exemplo, tomou medidas drásticas, passou a ser obrigatório denunciar. Em relação à justiça civil, tomou medidas para que o banco do Vaticano entrasse num quadro de legalidade reconhecida internacionalmente. O Papa Francisco faz a síntese franciscana, mas também não é um ingénuo, é jesuíta. Tem um sentido grande de organização e do poder eficaz... Talvez também tenha lido Bismarck: “Com as bem-aventuranças não consigo governar a Prússia.”

Nasceu em Paus, numa aldeia perto de Resende. Como era a sua família?

Era uma família simples. Éramos cinco irmãos, a minha mãe era doméstica, fazia uns pequenos negócios com ovos, e o meu pai era pintor. Pintava casas e fazia umas tintas cujo segredo só ele e o meu tio conheciam. Os meus pais são os meus heróis. Eram inteligentes, perceberam que o estudo era fundamental e trabalharam a vida inteira por causa dos filhos.

Eram religiosos?

A minha mãe muito. O meu pai era anticlerical, mas era um homem profundamente franciscano. Uns dias antes de morrer foi ao médico, a Lamego, e o médico disse-lhe que não era nada. Respondeu: “O que tenho sei eu.” Saiu dali e foi confessar-se aos franciscanos. Na véspera de morrer, dia do aniversário da minha irmã, reuniu a família em casa e falou, ele que falava pouco, sobre a vida que tinha tido e sobre tudo o que o tinha movido. No dia seguinte de manhã foi à missa, por acaso fui eu que celebrei. Quando chegámos a casa, prontos para darmos um passeio pelo monte, estava morto. Sempre pedira a Deus que morresse assim, de repente. Essa graça ele teve.

Em criança sentia medo da morte?

Não.



Que perguntas formulava?

Fui sempre reservado e em criança já o era. Mas essas angústias não as tinha. Só mais tarde, aí pelos 15 anos, fui assaltado pelas grandes perguntas sobre o sentido da vida. Lá está, foi no cristianismo que senti que poderia encontrar as respostas, e aos 19 anos fiz-me padre.

Era preciso exercer o mister para encontrar o caminho?

Não. Para mim, ser padre era fazer da minha vida um caminho para iluminar outros. Foi isso que me moveu e que me fez decidir. Veja bem, estávamos na década de 60, estudar no seminário e ser padre era uma opção mais presente na vida das pessoas do que é hoje. A gente vai lendo e estudando, e lentamente apercebi-me de que o cristianismo era a resposta essencial para a pergunta e que, se era

bom para mim, seria bom para outros e que podia realizar-me como pessoa, transmitindo essa mensagem essencial.

Como teve essa clareza? Para um jovem, é uma escolha radical.

Claro que teria de renunciar a outra vida. Não se pode ter tudo. A vida implica escolhas, e escolhas implicam renúncias. As grandes opções da vida implicam sempre liberdade, e é isso que hoje não se entende. Ordenei-me com 23 anos e muito cedo comecei a ouvir confissões. Como pode imaginar, ouvi muita coisa. Acho que nunca cometi um disparate fundamental que pudesse afetar a vida de alguém. Naquela época, o sexo era um grande tabu, e havia questões que afligiam muito as pessoas, mas eu não me importava nada com isso: “Vamos para a frente, falemos de outra coisa.” Perguntavam-me se era pecado tomar a pílula, e eu respondia: “Isso é uma coisa que serão vocês a decidir responsabilmente.” Mas eu vinha da Alemanha. Passei muitos meses na Alemanha enquanto estava a estudar. É preciso ver mundo, e eu tive esse grande privilégio, até por contraposição do que aqui se vivia. Em 1969 atravessei o Muro de Berlim e a República Democrática. Foi uma experiência única do que significava a prática do comunismo e do totalitarismo, e devo ser um dos poucos portugueses que, naquela época, leram “O Capital”, de Karl Marx. Mas a Alemanha Ocidental era uma democracia, e aqui em Portugal grande parte da população era ainda analfabeta. Foi a partir daí que comecei a pensar que todos tínhamos de ter uma base para nos entender, para depois podermos conversar sobre as grandes questões e os problemas humanos.

Nessa altura estava a estudar em Roma. Saiu de Portugal em 1967, para ir estudar para a Universidade Gregoriana, dois anos depois de ter acontecido o Concílio Vaticano II. E foi um grande fascínio. A Universidade Gregoriana recebia estudantes de todos os continentes e era o lugar onde se formava a elite eclesiástica. Foi precisamente ali que me começou a aparecer o mundo. A Igreja estava toda em ebulição, porque em 1967 estávamos ainda sob o espírito do Concílio Vaticano II. De Gaulle

considerava o Concílio Vaticano II o maior acontecimento do século XX, e eu fui acabando por conhecer todos esses teólogos que fizeram a renovação do Vaticano II. Tive grandes professores, e começaram a surgir as grandes dúvidas. “Penso isto, penso aquilo, estarei sozinho?”

Que dúvidas tinha?

Sobre as coisas mais diversas: o Papa é infalível? Porque é que há de ser? Porque é que a Igreja há de ser assim e não de outra maneira? Porque é que o celibato há de ser obrigatório? A questão em relação ao inferno, por exemplo, preocupava-me muito. Hoje penso que a criação do inferno foi a maior polícia do mundo. E eficaz! A mim fazia-me muita confusão a história da condenação eterna, porque a nossa liberdade é sempre muito condicionado pelo tempo. Esta questão inquietava-me muito e era fundamental resolvê-la. Foi nesta circunstância que conheci o professor Herbert Haag, que fez o favor de ser meu amigo.

Como o encontrou?

Tinha ido a uma livraria, no sul da Alemanha, em Friburgo de Brisgóvia, e depois ia para Genebra. À última hora peguei num livro de Herbert Haag, onde falava do pecado original e explicava que não havia inferno e porquê. Fiquei tomado, fui à sua procura, telefonei-lhe, disse-lhe que tinha acabado de ler o livro e que gostaria de falar com ele. Convidou-me a ir visitá-lo logo no dia seguinte para conversarmos. Lê-lo e conversar com ele naquela idade foi uma grande libertação. É preciso confrontarmo-nos com outros. Só em diálogo a resposta se encontra.

Nunca se sentiu abalado na sua vocação? Li que aos 25 anos teve uma crise...

Essa crise teve a ver com a Igreja enquanto instituição. Tinha chegado de Roma, já era professor no Instituto de Estudos Teológicos do Porto, e nessa altura pensei que a Igreja Católica não podia ter a verdade toda. Até porque houve muitos que viveram antes de Jesus, e hoje a maior parte da Humanidade nem sequer é cristã. Portanto, a Igreja não tem a verdade toda e precisamos de

nos abrir uns aos outros. Hoje assumimos o diálogo inter-religioso, mas na altura não era assim. Para mim, esta questão era importante. Reuni os meus colegas, fomos jantar e disse-lhes precisamente que a Igreja não tinha a verdade toda e que era preciso repensar. Perguntei-lhes se achavam que devia sair por pensar assim, mas como eram bem formados pediram-me para continuar.

Falávamos há pouco sobre ter feito uma escolha que implica uma renúncia ainda tão jovem. Foi a sua única crise existencial?

E acha que isto é pouco? Veja bem, é uma crise existencial que punha em causa toda a minha opção. É preciso ver que naquela altura vínhamos de uma conceção monolítica, dogmática, sobre a verdade. Racionalmente, achava que a Igreja se devia abrir, mas não via como. Hoje nada disto se põe, até porque vivemos na pós-verdade e num relativismo total, o que também é outro extremo. Eu tinha chegado com todas aquelas ideias novas, acompanhava um grupo de jovens estudantes universitários e celebrávamos já umas missas muito vivas, com participação de jovens na igreja românica da Cedofeita. O pároco dizia-me: “Tenha cuidado, olhe que hoje a PIDE está lá.” Depois do 25 de Abril, soube que tinha ficha na PIDE, mas nesse aspeto sempre tive sorte. Sobre o aspeto a que se referia, também tive sorte. Nessa altura, estar assim com rapazes e raparigas, com quem ia para campos de férias, que brincavam comigo, alguns dos quais de quem ainda hoje sou amigo, olhando à distância vejo que foi muito bom. Até para esse equilíbrio. Era ainda um homem novo e aceitavam-me como padre. Era igual e ao mesmo tempo era diferente. E isso ajudou-me a seguir este caminho que é complicado. Seja como for, é uma vida especial. Há algumas regras e compromissos que temos de assumir e manter. E há tentações, evidentemente.

Quando o procuram, que inquietações lhe trazem? São as mesmas do seu início?

Fundamentalmente, as pessoas precisam de desabafar. A maioria das vezes são pessoas que vivem alguma confusão existencial ou

matrimonial e procuram alguma luz. A procura é sempre essa. O que é que hão de procurar num padre senão alguma luz, alguma consultação e o perdão?

O perdão é um dom?

O perdão, no sentido profundo da palavra perdoar, que não é desculpar, é um milagre. Estava na África do Sul, em Joanesburgo, quando um padre francês foi assassinado. Os pais vieram de França e no funeral disseram, do altar para baixo, que perdoavam de coração aos assassinos que lhes tinham matado o filho. Refiro-me a este perdão. Jacques Derrida, o filósofo francês, que era agnóstico, no final da vida levantou esta questão de o perdão ser o começo da verdadeira religiosidade, porque vai além da justiça. Nem o algoz tem direito ao perdão nem a vítima é obrigada a perdoar. Também Santo Estêvão pediu a Deus que perdoasse quem o matava.

Quem são os seus santos de referência?

Pascal, que não foi canonizado, mas é um santo. É talvez o maior cristão europeu. Toda a gente devia ler os “Pensamentos de Pascal”. É uma obra com uma atualidade notável. Outro será São Paulo, um homem que procurava e fez aquela experiência avassaladora de fé para anunciar que Jesus Cristo era o vivente, e deve ter feito 20 mil quilómetros a pé, de burro, de camelo, de barco, para anunciar essa boa nova. Foi perseguido, açoitado, esteve na cadeia, continuou a trabalhar, fazendo tendas para que não se pensasse que vivia da pregação. Foi ele que deu universalidade ao cristianismo. E era um dos homens mais cultos do seu tempo. Basta ler as cartas. Isto é muito importante. Muitas vezes prega-se apenas o amor e a bondade. Mas a bondade sem inteligência não vai lá. Pelo contrário, pode levar a becos sem saída. A vida cristã e a vida humana só fazem sentido unindo amor e inteligência. A bondade sozinha pode ser lorpa, não abre caminhos. Essa imagem do cristão bonzinho, de dar a outra face, é deturpada. Jesus não o fez. Quando foi o julgamento, a dado momento, um soldado bateu-lhe, e ele não lhe deu a outra face. Perguntou: “Se eu disse mal, diz-me em quê. Se disse bem, porque me bates?” É preciso defender a dignidade

humana para os outros e para si próprio. São Paulo reclamou ser cidadão romano. Portanto, um cristão vive erguido. Sem arrogância, mas erguido.

Uma das coisas de que precisamente o acusam é de ser arrogante.

E não nego. A ignorância culpada é das coisas que mais me afligem e que mais prejudicam o mundo. E a Igreja também. Não tenho aquela visão grega de que o comportamento moral bom deriva só do conhecimento. Mas penso que o conhecimento dá um grande contributo.

A que se refere quando fala de ignorância culpada?

Gente que devia estudar e não estuda. Políticos que não sabem nada e fazem citações, porque há uns livros de citações sobre livros que nunca leram. E padres também. A ignorância culpada prejudica muito as comunidades. A maior parte das homilias trata de quê e para quem? Ainda se vive num mundo muito fechado.

E que homens o inspiraram?

O primeiro foi o meu professor da primária, Amadeu dos Carvalhos. Chamava-se assim porque vivia lá numa aldeiazita chamada Carvalhos. Eu era miúdo, e ele dava umas aulas fantásticas. Descrevia-nos as batalhas com grande empolgação e dizia-nos: “A vida é para a frente. Coragem.” Esta frase influenciou-me muito. Também devo muito a um filósofo e teólogo vivo, Andrés Torres Queiruga. Foi alguém que tentou pensar o cristianismo na modernidade. Devemos à modernidade a separação da Igreja do Estado. Essa autonomia traduz-se na laicidade do Estado. O Estado, para garantir a liberdade religiosa de todos, não pode ser confessional. E também devemos à modernidade a autonomia de realidades terrestres. Se a realidade é autónoma, não podemos estar sempre a evocar Deus para fazer milagres, por exemplo.

Não acredita em milagres?

Então Deus deu-nos autonomia, mas agora queremos que intervenha aqui uma vez ou outra? Que dê um ar da sua graça? Isso é ateísmo, porque implica que Deus está fora do mundo e depois aparece de vez em quando. E só aparece para alguns, não para todos. Deus é criador, mas de forma transcendente. Está infinitamente presente, transcendendo o mundo. Este é o paradoxo.

Consegue apontar a experiência da transcendência?

Uma vez estava no Algarve, andava na praia e, de repente... o pôr do sol. E à minha frente estava um resto de casa que era apenas uma parede com uma porta. Era simplesmente fabuloso. E ali percebi porque é que houve um tempo em que as pessoas divinizaram o Sol. Era a beleza excepcional do pôr do sol sobre o mar, mesmo ali à minha frente, e o resto da ruína de uma casa que só tinha deixado ali aquele bocado de parede com uma porta. Aquilo era o contraponto das coisas, e isso é uma experiência de transcendência. Numa experiência de transcendência, nós somos parecidos a ela, acontece-nos. Visita-nos. De tal modo que no dia seguinte voltei lá e o que tinha visto já não vi. Visita-nos uma outra realidade. Lá dizia Dostoevsky: como é que nós aguentaríamos a vida e os seus horrores sem a beleza?

Quantos anos tem?

Fiz 75 anos.

De onde lhe vem essa jovialidade?

Todos os dias ando muito a pé. Sou um privilegiado, tenho aqui à porta do seminário 15 quilómetros onde posso caminhar sobre a areia. É a minha passadeira.

Disse que em criança não tinha medo da morte. Nunca teve?

Depois sim, claro. Um amigo alemão contou-me que, quando era jovem, andou na guerra e no fim foi feito prisioneiro pelos americanos. Um dia simularam um pelotão de fuzilamento, uma brincadeira de muito mau gosto dos soldados americanos, e

encostaram-no contra uma parede. Julgou que ia morrer. Perguntei-lhe: “Em que é que pensaste?” Respondeu-me: “Perdi perdão a Deus e lembrei-me da minha mãe.” Lá está... É a mãe. Talvez por isso eu deva ser dos poucos padres que na missa diz sempre: “Deus pai e mãe.” A última vez que vi esse amigo, ele estava já num lar. “Anselmo, isto é tão curto, a vida é tão curta!” Andamos nós aqui neste combate, andei eu pelo mundo, estudei que me fartei, bati-me por isto e por aquilo e depois chego ao fim e é isto? Um buraco? Não pode ser.

Que igreja, enquanto espaço de celebração, é que mais o impressionou?

A igreja de Siza Vieira, em Marco de Canaveses. Arrepia-me. Nas catedrais góticas sentimos muito a presença e a harmonia. Foram construídas para olhar mais alto, para olhar o céu. Nas catedrais celebra-se a transcendência. Mas na igreja pensada por Siza, a celebração é comunitária, é a igreja povo de Deus. A gente está ali, naquele interior plano, onde o altar fica praticamente à mesma altura que os outros fiéis. Temos uma imagem de Nossa Senhora também baixinha. Dali veem-se igualmente os campos. Depois da missa abre-se a porta, que tem pelo menos 12 metros de altura, e vê-se o céu. Continuamos com os pés no chão, mas tudo aquilo aponta para o céu. Para mim, esta é a celebração da vida, num espaço que não foi feito para a presidência nem para a glória. foi feito para a comunidade. *É assim que vejo a vida humana.*